

Fronteiras do Pensamento chega a Florianópolis

A UFSC, que deverá abrigar o evento em 2012, participa do Fronteiras do Pensamento, dias 26, 27 e 28, no auditório da Fiesc, que receberá três conferencistas: Luc Ferry, Åsne Seirstad e Sylvia Earle

p. 11



Fotos: divulgação Fronteiras do Pensamento

Impresso

99129-5/2002-DR/SC

UFSC

CORREIOS



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Setembro de 2011 - Nº 420

UFSC internacionaliza a inclusão

Cada vez mais aberta e plural, a Universidade Federal de Santa Catarina também está conciliando internacionalização com inclusão. Uma prova disso são os 32 haitianos que chegaram em agosto para estudar na instituição, dentro de um programa da

Capes que busca minimizar o drama de jovens que ficaram sem as instalações físicas de suas universidades após o terremoto de janeiro de 2010. Na UFSC, a coordenação desse trabalho cabe à Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais

p. 4

Foto: Wagner Behr



Projeto tem a coordenação da Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais (Sinter)

Universidade mobilizada pela água

A crise da água tem mobilizado pesquisadores e laboratórios da UFSC, preocupados com a preservação e o uso sustentável dos recursos hídricos. Melhor gestão desses re-

ursos com base em tecnologias acessíveis é o objetivo do programa financiado pela Petrobrás e que possui vínculo com a UFSC, Epagri e Embrapa

p. 6 e 7

Greve

Brasília mostrou insensibilidade

p. 5

Meio ambiente

Carvão ecológico

p. 8

Cinema

A teoria essencial

p. 9

Eventos

Elefante Branco enterrado

p. 12

Vestibular

Inscrições até 19 de outubro

p. 11

A comunicação na eleição

A equipe da Agecom pauta a sua atuação profissional nas regras do jornalismo, na Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos Códigos de Ética do Jornalista e do Servidor Público Civil.

A Política Pública de Comunicação da UFSC norteará o trabalho da Agecom na eleição de novembro de 2011 para Reitor e Vice-reitor.

As candidaturas merecerão tratamento igualitário, ficando proibido, portanto, o uso da máquina a favor ou contra qualquer uma das chapas lançadas. Essa postura profissional de ética e de isenção foi definida e aprovada, por unanimidade, pela equipe. Pautará, portanto, o site, o *JU* e a relação com jornalistas e meios de comunicação. O detalhamento dos espaços será repassado diretamente aos respectivos comitês.

A Agecom não enviará material de divulgação produzido pelas candidaturas para a imprensa. Essa tarefa é de inteira responsabilidade dos respectivos comitês.

Os candidatos devem fornecer à Agência de Comunicação números de telefones e e-mails que serão repassados aos jornalistas que procurarem a Agecom para informações envolvendo as candidaturas.

A Agecom divulgará as informações relativas ao pleito encaminhadas pela Comissão Eleitoral e Conselho Universitário. Os debates serão informados à imprensa, não recebendo, porém, cobertura jornalística da Agecom, que, contudo, fará fotos, especialmente para a memória e acervo da instituição.



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Prestando contas. Reprisando o sucesso dos encartes publicados por ocasião dos 50 anos da instituição, os cadernos sobre a UFSC voltaram a circular. O primeiro foi sobre o trabalho das Pró-Reitorias e Secretarias. O segundo abordou o campus de Florianópolis. Os próximos três dissecam os campi de Joinville, Araranguá e Curitiba.

Confusão. O Grupo RBS ainda não conseguiu distinguir o Cursinho Pré-Vestibular da Comissão Permanente do Vestibular (Coperve).

Marcha lenta. O processo eleitoral para reitor e vice-reitor não parece entusiasmar a comunidade universitária. O clima de apatia não mudou com a greve nem com a ocupação da Reitoria e do DCE. Nem os candidatos despertaram com as palavras de ordem!

Questão de poder. O Judiciário nem precisou fazer greve para ter sua proposta de reajuste encaminhada ao Congresso.

Constatação. Quase toda articulação se em dá em torno de nomes. O Campus reproduz a política que se faz lá fora.

Talentos. A pesquisa não existe sem divulgação. O prêmio lançado pela Fapeu justifica, de alguma forma, a sua existência (www.fapeu.org.br/premiantalentos).

Título certo. A manchete do DC "Tiros na UFSC" reflete um pouco o que o jornal faz quando mira a instituição.

Memória



João Pedro Tavares, atual diretor da Divisão de Gestão Expediente da Agecom, debruçado no *JU* nº 46 de outubro de 1983.

A capa chama para a IV Semana da Pesquisa que mostra 310 projetos em execução na época. Ainda na primeira página, destaca artigo do então pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Sílvio Coelho dos Santos, falecido em 2008. O texto defende mais espaço sobre a importância da pesquisa.

Planalto destelhado. Se o teto salarial for elevado a mais de R\$ 30 mil, vai chover dentro da casa da Dilma.

Brincadeirainha. Está a caminho o novo PP, o Partido da Paciência!



Posse dos gansos. Após fracassar com os patos, a UFSC optou por um par de gansos para cuidar do Lago do Convivência e patrulhar a Praça Franklin Cascaes. Devidamente empossadas e aprovadas no estágio probatório, as aves agem com relativa estabilidade e exibem eficiência nas suas tarefas, sem desvio de função nem de conduta.

Segurança aviária. Os gansos sabem que não substituem os guardas. Sabem também que o direito à greve é uma conquista. O casal discute seus limites e, certamente, planeja chegar à Reitoria para definir o seu futuro na segurança do Campus. A única arma do ganso é a palavra.

Mamãe gansa. A gansa está chocando. Criação à vista.

Torres gêmeas. O campus da UFSC é um campo aberto. Não possui muros nem cercas. É impossível de ser defendido pela Segurança do Campus, que é competente, mas não onipresente! Para complicar, as festas atraem a cidade inteira para dentro da universidade.

Torres gêmeas II. É preciso dizer ainda que a comunidade universitária de mais de 40 mil pessoas não produz o crime. Ela é apenas vítima de uma sociedade órfã do Poder Público.

Discriminação. Unimed, inexplicavelmente, atraiu as novas carteiras dos agregados.

Frase

A política de capacitação da UFSC complementa e reforça a formação dos trabalhadores técnico-administrativos para a sua prática cotidiana, melhorando a qualidade e o desempenho da Instituição - Luiz Henrique Vieira Silva, pró-reitor de Desenvolvimento Humano e Social da UFSC

Carta aberta aos servidores em greve e à reitoria

Sem dúvida as reivindicações feitas pelo servidores são dignas e justas, um direito que à classe cabe. Entretanto quando o meio de requerer tais direitos passa a cercar os meus direitos quanto estudante sinto-me no dever de questionar sua efetividade.

Que conseguem os servidores ao dificultar as atividades acadêmicas senão o atraso das mesmas e por conseguinte o atraso na formação dos indivíduos que as compõem? Tal atraso acarreta na procrastinação da geração de riquezas, geração esta fundamental à arrecadação. É esta arrecadação que permite ao governo vos pagar, ou mesmo elevar os vossos salários, é a iniciativa privada dependente da mão-de-obra altamente qualificada, aqui formada, a principal responsável pela mesma.

Assim sendo, parece-me contraproducente as medidas que a classe vêm tomando. Esta deveria pressionar a reitoria, pois

é ela que tem os meios de facilitar a aquisição do que reivindicam, não vejo como o fazem através da paralisação da BU, do RU ou mesmo das secretarias em geral.

Ao dificultarem o desenrolar de nosso semestre letivo pressionam a nós, estudantes, e que esperamos que façamos? Vosso contratante é o governo Federal, nos fazem reféns para que possam barganhar com o citado governo, governo este eleito por vós. Sabe-se que ao final da greve retornarão às atividades, infelizmente, sem terem vossos direitos alcançados, quando não sob uma forte retaliação. Então caberá a nós, estudantes, o tratamento pós-traumático.

Quanto à omissão da reitoria e apoio às atividades pela classe realizadas, me questiono onde está a defesa dos interesses acadêmicos, pois esta é sua finalidade, é o que justifica sua constituição.

Parece-me que a reitoria fará uma ava-

liação do impacto causado pela greve aos estudantes. Qual a necessidade disso? A BU estava cotidianamente lotada por uma casualidade, todos que ali estavam realizavam apenas atividades secundárias, sem impacto direto sobre as matérias cursadas. Facilmente após o fechamento esses mesmos indivíduos não encontraram problema algum em buscar algo mais útil para se fazer e lugar mais propício para fazê-lo.

Sabe-se através da psicossociologia que é um comportamento rotineiro e prazeroso aos seres humanos a formação de filas, mais prazeroso se torna quando a permanência nesta fila da-se por horas sob um sol escaldante. Este comportamento é capaz de explicar porque tantos se deslocavam para o RU, em momento algum o que ali se oferece deve ser levado em conta. O importante é podermos formar as filas, a atividade ali realizada pode ser até mesmo

uma roda de pagode, não é mesmo?

Ora, tal ineficiência e omissão faz-se concluir que aqueles que identificam a necessidade de analisar o impacto aos estudantes causados para averiguar se alguma medida deve ser tomada, ou possuem formação intelectual inapropriada para as funções que estão desempenhando, se assim o for pedimos para que se retirem espontaneamente, ou possuem caráter duvidoso, o que é ainda pior e demanda que exijamos suas renúncias.

Concluo reiterando que é dever da reitoria a manutenção das atividades necessárias ao funcionamento da universidade, assim sendo assumam suas funções e resolvam as querelas existentes, ou são incapazes de fazê-lo?

Brener Martins
Estudante de Física na UFSC

Sou pela Furb Federal

Na noite da última sexta-feira, em Blumenau, aconteceu uma das maiores manifestações populares da história recente da cidade. Professores, estudantes e simpatizantes do projeto Furb Federal marcharam até a prefeitura, onde cantaram o Hino Nacional e ovacionaram discursos que pretendem ser ouvidos em Brasília. Depois voltaram até a Furb, concentraram-se em frente à Biblioteca Central e comprometeram-se, em uníssono, a dar continuidade à passeata através das redes sociais. Os jornais estimaram que a caminhada contou com aproximadamente 3 mil pessoas. Entretanto, cálculos do Comitê Pró-Federalização apontam o dobro de participantes.

Hoje a Presidenta Dilma vai anunciar a criação de sete novas universidades federais. Entre elas se encontra a Universidade Federal do Vale do Itajaí – ou Universidade Federal de Blumenau, o nome não importa – fato que em si representa uma vitória para Santa Catarina. Segundo os objetivos do MEC já noticiados neste Diário, o novo campus deve surgir como uma extensão da UFSC. A ideia não é má, na verdade é bastante coerente com o que está acontecendo em termos de interiorização das instituições federais, mas a verdade é que a comunidade de Blumenau e de todo o Vale do Itajaí deseja que a Furb seja federalizada. Esse desejo foi claramente manifestado pelo plebiscito de 2008 e pela passeata de sexta-feira, além, é claro, da avalanche de mensagens que tomou conta do Twitter e do Facebook.

A força do movimento nada tem a ver com bairrismo, mas com uma estratégia sensata de desenvolvimento regional. Se a nova universidade for montada como uma extensão da UFSC ou mesmo como uma iniciativa isolada, a instalação levará anos para se concretizar, será gradual porém lenta, aquém de todas as expectativas, e poderá ser interrompida a qualquer momento. Com a incorporação da Furb, que sempre possui natureza pública no âmbito municipal, teremos o atendimento imediato de 20 mil estudantes. Não é apenas a melhor solução para a região, mas também para o MEC, que dará um expressivo salto no programa de expansão do ensino superior no Brasil.

Lideranças políticas do executivo e do legislativo que se engajaram na luta da fe-

deralização da Furb afirmam que o MEC teme abrir precedentes, já que todas as outras fundações educacionais queriam se tornar federais em seguida. Trata-se de conversa fiada. Em primeiro lugar, tal quadro não corresponde à verdade. Em segundo, isso é desculpa que se dá aos filhos que comem doces além da conta, não a um movimento com décadas de existência que pretende incrementar o ensino no interior de Santa Catarina. Pelo sim, pelo não, seria tão ruim assim se todas as faculdades reivindicassem o apoio de Brasília com mais esperança? A União precisa se fazer mais presente, principalmente em termos de educação.

No caso de Blumenau, o governo federal sempre esteve distante demais. Temos na cidade um batalhão de infantaria inaugurado durante a campanha de nacionalização, quando Vargas proibiu a língua alemã entre os filhos de imigrantes, e um muito bem equipado posto da receita federal que arrecada milhões por mês. Fora isso, não temos mais nada, a não ser a federal – bravo! – que está chegando para mudar essa realidade. Mas vale a pergunta: ela também está chegando de forma interventiva, ignorando toda a trajetória de uma instituição criada nos anos 1960 pelo esforço da cidadania local? A federalização da Furb, isto é, o encontro de uma iniciativa municipal com uma federal, significará o equilíbrio de uma relação historicamente tumultuada. Governador, prefeitos, deputados, senadores, ministros, presidenta: repetimos que a federalização da Furb é a melhor solução para ambos os lados.

P.S.: além de escritor, colunista do *Diário Catarinense* e do *Jornal de Santa Catarina*, sou também ex-aluno e professor da Furb. O texto acima, portanto, diferente dos demais que costumam publicar neste espaço, defende um ponto de vista definido, levanta uma bandeira, luta por um ideal. É um convite para que vocês, leitores, apoiem a causa através das redes sociais. Com o auxílio de todos, realizaremos o sonho de oferecer ensino gratuito imediato a mais 20 mil estudantes brasileiros.

Macon Tenfen

Professor da Furb
Publicado originalmente na página 3 do
Diário Catarinense de 16/08/2011

Cristiano Mello de Oliveira
Mestrando em Literatura UFSC/Pesquisador CNPq

UFSC propõe ações e reflexão

Em laboratórios, grupos de pesquisa e projetos financiados por instituições nacionais, alunos e professores da são destaque na luta pela consciência ambiental dos recursos hídricos

Gabriele Duarte
Bolsista de Jornalismo na Agecom

O risco da falta de água já é uma realidade iminente em algumas cidades. O Brasil, dono de um dos maiores potenciais hidráulicos do mundo, por décadas não se preocupou com essa temática. A despeito disso a Agência Nacional de Águas (ANA) divulgou no primeiro semestre o "Atlas Brasil Abastecimento Urbano de Águas" (disponível em www.ana.gov.br), que mapeou os mananciais e sistemas de produção dos 5.565 municípios brasileiros. A partir do estudo, boa parte das cidades brasileiras poderá sofrer com crises no abastecimento de água até 2015, prin-

cipalmente aquelas situadas em regiões metropolitanas. A Agência propõe que o Estado invista R\$ 22 bilhões para arrefecer os efeitos mais funestos da ameaça ao abastecimento.

Segundo o diretor-presidente da ANA, Vicente Andreu, essa é a primeira vez que o Brasil dispõe de um panorama tão detalhado do abastecimento de água. "O Atlas é uma grande contribuição para o planejamento de recursos hídricos no Brasil e a principal conclusão é a de que cerca de 55% dos municípios brasileiros necessitam de grandes investimentos na parte de recuperação de mananciais (superficiais ou subterrâneos) e da sua infraestrutura para o tratamento de

água", alerta o diretor. Desses municípios, 84% necessitam de adequação de seus sistemas produtores e 16% precisam de novos mananciais. Concluídas até 2015, as obras dos investimentos poderão garantir o fornecimento de água até, pelo menos, 2025.

Além de iniciativas governamentais, o panorama atenta para a importância verificada na consciência de manejo da água que a população deve ter. "Há uma necessidade de mudanças de hábitos no que tange à questão relativa ao consumo de água" reitera Andreu, referindo-se à cultura de abundância de água existente no Brasil. Baseados na educação ambiental trabalham núcleos e laboratórios es-

Todos pela causa

Em março deste ano, o GTHidro organizou um evento em comemoração ao Dia Mundial da Água, concebido em 1992 pela Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Unced). O grupo junto ao Núcleo de Educação Ambiental da UFSC (NEAmb) e à Empresa Júnior de Engenharia Sanitária e Ambiental (Ejesam) definiram o dia com o tema "A água é de todos... todos pela água". Com a análise dos panoramas do uso do líquido no mundo, em Florianópolis e na UFSC, aconteceu a primeira reunião do projeto "UFSC Sustentável".

Organizado por estudantes de diversos cursos preocupados com a gestão da água, os alunos propuseram uma universidade ambientalmente mais consciente. A aluna da quinta fase de Engenharia Sanitária e Ambiental e pesquisadora do GTHidro, Thaianna Cardoso, salienta que o "UFSC sustentável" é uma oportunidade de assumir o compromisso de trabalhar em prol do bem comum e pôr em prática as especialidades acadêmicas a fim de um protótipo de mundo ambiental consciente.

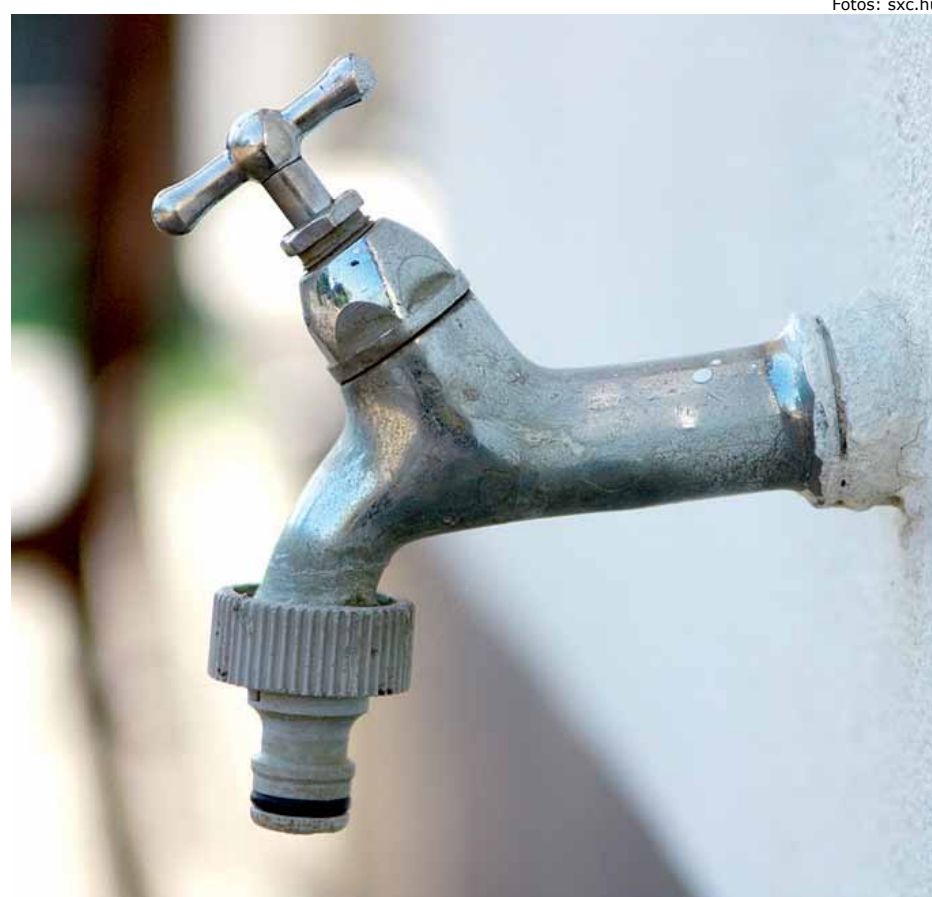
Parcerias privadas

Melhor gestão dos recursos hídricos com base em tecnologias acessíveis é o objetivo do programa financiado pela Petrobrás e que possui vínculo com a UFSC, Epagri e Embrapa. O TSGA – Tecnologia Social para Gestão da Água teve início em 2006 e duração de três anos sob coordenação do professor Daniel Silva. Segundo ele, o TSGA está em fase de recontração para mais dois anos. "A fase atual é de trâmites políticos e institucionais,

mas estamos com muita expectativa para os próximos anos. Será um desafio diferente, que tem demandas e leituras próprias dos problemas atuais, o que caracteriza uma oportunidade de avanço nos estudos".

O programa propõe a economia, o melhor consumo e mais qualidade na gestão da água. Para alcançar tais interesses, a comissão integrante realiza propostas de baixo custo e fácil manuseio, o que resulta em ampla adesão da comunidade. Em municípios como

Araranguá, foi possível reduzir em 50% o uso de água no cultivo de arroz, que atingia 12 mil metros cúbicos por hectare. O mecanismo introduzido foi o de calibração hidráulica, que além de reduzir os gastos, permitiu que o terreno ficasse sempre molhado. A manutenção das técnicas desenvolvidas é sempre viabilizada pela própria comunidade, comprovando a proposta de valorização da sociedade como sujeito de ação.



Fotos: sxc.hu

sobre a água

pecializados no estudo da água na UFSC. O GTHidro (Grupo Transdisciplinar para Estudo da Água) é composto por alunos da Engenharia Sanitária e Ambiental e Ciências Biológicas e foi fundado em 1986 pelo professor Daniel Silva, que é responsável pela coordenação até hoje. Para o professor, o mapeamento realizado pela ANA é uma oportunidade de incentivo à novas leituras e políticas de sustentabilidade. "A ampla temática de uso da água exige um trabalho com enfoque na educação ambiental como instrumento de ação para novas tecnologias que amenizem a crise atual", destaca Daniel, que ainda alia a pedagogia de consciência à políticas de reuso, tratamento e gestão.

Falta financiamento

Nem todas as alternativas existentes dependem de grandes recursos financeiros. É o que propõe o professor da Engenharia Sanitária e Ambiental Maurício Sens. Com um experimento composto basicamente de uma pirâmide de vidro, um recipiente e uma bacia, é possível tornar água suja ou salobra em própria para o consumo. A pirâmide para tratamento de água é um projeto desenvolvido pelo professor e alguns alunos da pós-graduação da UFSC que recebeu aprovação de viabilidade da Fundação Nacional da Saúde (Funasa) em 2008. A pirâmide tem capacidade de produção diária de 8 litros de água e, portanto, é indicada ao consumo próprio de pequenas propriedades que sofrem com o abastecimento.

"O projeto existe há 10 anos e está em constante aprimoramento para diminuir os custos e facilitar o manuseio, mas apesar da efetividade da pirâmide, falta quem queira financiar", lamenta o professor. De acordo com Maurício, falta um órgão governamental que incentive os empresários e industriais a atentarem aos projetos e pesquisas realizados nas universidades, "principalmente locais prósperos como o Centro Tecnológico da UFSC", acrescenta. O projeto da pirâmide recebeu interesse industrial proveniente de países que enfrentam problemas com relação à qualidade e escassez de água, como é o caso de Israel.

A Funasa fez um acordo com o professor em abril e prometeu mais testes com o experimento. Dez pirâmides ficarão espalhadas em diferentes regiões do país durante um ano, com o objetivo de analisar a eficácia em diferentes realidades, fornecer instruções de manuseio e otimizar os resultados.



"O foco de investimento deve ser no tratamento de esgoto, realidade em municípios como Florianópolis, que têm mais problemas, e o governo pode ter ação direta"

Ampla conscientização

Para o geólogo, professor e coordenador do Laboratório de Análises Ambientais (LAAM) da UFSC, Fernando Scheibe, não há como se pensar em gestão de recursos hídricos de maneira isolada. "A preservação dos dois maiores aquíferos que contemplam o estado catarinense – Guarani e Serra Geral – deve ser feita por meio de melhor uso de toda a rede hidrográfica, assim como de melhor aproveitamento das águas da chuva".

O professor defende a gestão conjunta de recursos hídricos como meio de se alcançar a otimização do uso. Além de estudioso da área, Scheibe é o coordenador técnico do projeto "Sistema Integrado Aquífero Guarani – Serra Geral" que teve início em 2007 e atua até hoje em pesquisas na área de gestão transfronteiriça das águas subterrâneas. A dívida que o Poder Público tem com relação à gestão de águas é imensa, de acordo com Fernando Scheibe. "O foco de investimento deve ser no tratamento de esgoto, realidade em municípios como Florianópolis têm mais problemas, e o governo pode ter ação direta".



A água na Região Metropolitana de Florianópolis

Sistema	Principais Mananciais	Sedes Urbanas Atendidas
Cubatão/ Pilões	Rios Cubatão do Sul e Vargem do Braço	Biguaçu; Florianópolis; Palhoça; Santo Amaro da Imperatriz; São José
Costa Leste/ Sul	Lagoa do Peri	
Costa Norte	Poços	Florianópolis
Demais Sistemas Isolados	Córregos Ana d'Ávila e Grande; Rio Pau do Barco e outros	
Municípios da Região Metropolitana		22
Municípios que necessitam de investimentos		13
R\$ milhões		98

Fonte: relatórios da ANA

Produção sustentável de carvão vegetal

Pesquisa mobiliza pequenos agricultores e pesquisadores da UFSC e Epagri

Fotos: Projeto Nosso Carvão



O forno tipo iglu requer a entrada do trabalhador para retirada manual do carvão. O projeto com UFSC e Epagri prevê a implantação de fornos mais adequados à atividade

Ana Luísa Funchal
Bolsista de Jornalismo na Agecom e
Arley Reis
Jornalista na Agecom

Você sabe de onde vem, quem produz ou como é produzido o carvão usado no seu churrasco? Na Grande Florianópolis, poucas pessoas sabem que enquanto desfrutam essa que é uma das principais atividades de lazer no final de semana, agricultores trabalham em um sistema de produção de carvão que provoca baixa qualidade de vida. Em função da legislação ambiental, que impede o corte das chamadas florestas secundárias (aquelas que surgem em processo de regeneração da vegetação), a atividade de produção de carvão é clandestina e gera muitas por produção ilegal da matéria-prima ou carbonização da madeira. Os agricultores enfrentam também doenças provocadas pelo uso de fornos insalubres e manuseio da lenha, além de baixa autoestima e constante temor de serem flagrados por agências ambientais.

Em um trabalho conjunto com pequenos agricultores, pesquisadores da UFSC e da Epagri buscam formas de melhorar essa situação. "A alteração desse quadro

representa uma necessidade social, ambiental e econômica", defende o professor Alfredo Celso Fantini, coordenador do projeto Nosso Carvão. A proposta foi aprovada em edital do Ministério de Ciência e Tecnologia em conjunto com o Ministério do Desenvolvimento Agrário. O objetivo é desenvolver e validar tecnologias apropriadas ao contexto da agricultura familiar para a produção sustentável de carvão vegetal na Grande Florianópolis. Traz também associado o objetivo de conservação das florestas nativas e a melhoria da qualidade de vida dos agricultores.

"A produção de carvão vegetal é uma das atividades agrícolas mais importantes em Santa Catarina, embora esse fato não seja reconhecido nas estatísticas oficiais. Não sendo reconhecido como importante, esse trabalho também não tem merecido atenção das instituições públicas de pesquisa e de extensão e das agências ambientais", alerta Fantini, pesquisador do Núcleo de Estudos em Monitoramento e Avaliação Ambiental, do Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade e do Núcleo de Pesquisa em Florestas Tropicais, grupos de pesquisa ligados ao Centro de Ciências Agrárias (CCA) da UFSC.

Conhecimento tradicional

No sistema tradicional utilizado pelos agricultores, conhecido como roça-de-toco, a floresta derrubada, usada para produção do carvão, dá lugar à lavoura de mandioca, feijão, milho e batata doce por três ou quatro anos. Depois a terra é deixada em repouso e a floresta volta a se regenerar, por um período de 10 a 15 anos. Para aproveitar o potencial da atividade e o conhecimento tradicional sobre a floresta, o projeto Nosso Carvão está sendo desenvolvido em várias frentes de trabalho, com a finalidade de aprimorar esse sistema utilizado pelos agricultores por meio da incorporação de conhecimentos científicos da ecologia dos ecossistemas naturais. A meta é estimular a adoção de inovações tecnológicas apropriadas para a agricultura familiar, colaborando com a melhoria da atividade desde a produção sustentável da madeira que é usada para fazer o carvão até a comercialização desse produto.

Na primeira etapa do projeto os pesquisadores buscam compreender o conhecimento do uso da terra por parte dos agricultores. Estão sendo mapeadas 45 estabelecimentos rurais, com identificação das atuais APPs (áreas de preservação permanente definidas pela legislação ambiental e onde a intervenção humana é bastante restrita, limitando-se ao manejo florestal para a produção de frutas, folhas e sementes) e áreas de reserva legal (porcentagem da propriedade agrícola em que a cobertura florestal deve ser conservada). Estão também sendo realizados

inventários em 15 propriedades (para conhecimento das espécies vegetais), entrevistas e oficinas com as famílias de agricultores. Além disso, serão elaborados mapas com as necessidades de recuperação para cada propriedade.

A partir destes estudos serão implantados 10 projetos pilotos de Sistemas Agroflorestais, em que o cultivo de árvores, espécies agrícolas e a criação de animais são feitos de maneira simultânea ou ao longo do tempo. Em oficinas, os pesquisadores pretendem conhecer com profundidade o manejo tradicional e aprimorar com os agricultores um plano de manejo sustentável da terra.

A inovação tecnológica do processo de carbonização também é importante componente do projeto. O professor Fantini lembra que no sistema tradicional é usado o forno tipo iglu, que requer a entrada do trabalhador para retirada manual do carvão. A exposição dos agricultores aos gases tóxicos originados da combustão da madeira, como o monóxido de carbono e o metano, e às altas temperaturas, gera sérios problemas de saúde.

O projeto prevê a instalação de dois fornos modernos, adaptados a partir de modelo desenvolvido pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Prevê também o estudo da cadeia de comercialização de carvão vegetal na Grande Florianópolis, com o objetivo de elaborar uma proposta de certificação da produção agroecológica desse produto.

Um sistema de uso da terra

O sistema de produção do carvão em Biguaçu está relacionado a um grande repertório dos agricultores, acumulado e passado através das gerações, e que corre o risco de ser perdido.

Em suas falas, os agricultores revelam conhecimentos específicos sobre espécies de crescimento rápido, sobre aquelas que melhoram a capacidade produtiva dos solos, com qualidades para a carbonização, construção civil e de artefatos, para alimentação, entre outros usos. E estes diferentes tipos de vegetação favorecem a manutenção da biodiversidade, permitem usos múltiplos da floresta, inclusive dos serviços ambientais pouco valorizados pela sociedade, como a produção de água e o valor estético da paisagem – serviços prestados pelos agricultores que não são remunerados.



No sistema tradicional utilizado pelos agricultores, conhecido como roça-de-toco, a floresta derrubada, usada para produção do carvão, dá lugar à lavoura de mandioca, feijão, milho e batata doce por três ou quatro anos. Depois a terra é deixada em repouso e a floresta volta a se regenerar

Cinema: close sobre os formandos

UFSC forma profissionais capazes de "pensar cinema"

Marília Marasciulo
Bolsista de Jornalismo na Agecom

"A parte teórica, com certeza". É isso que os ex-alunos das três turmas formadas em Cinema (www.cinema.ufsc.br) pela UFSC definem como o ponto mais forte do curso nos quatro anos de graduação. Eles afirmam que, embora as disciplinas práticas sejam um grande atrativo para quem ingressa na faculdade, a teoria é fundamental para o amadurecimento dos estudantes e para formar profissionais capazes de "pensar cinema". "Produção é importante, mas sem uma forte base na teoria não tem porque cursar cinema. Fosse só produção, seria muito mais rápido e tranquilo participar de oficinas de roteiro, direção", explica Bruno Lorenzoni, que se formou no começo deste ano.

Lorenzoni ganhou um prêmio do Edital de Cinema Catarinense em 2009, na categoria de desenvolvimento de roteiro de curta-metragem. Com o dinheiro, fez um curso de roteiro de um

ano em Los Angeles, na New York Filme Academy. Ele acaba de voltar para o Brasil, onde deve começar a busca por um emprego.

O mercado de trabalho cada vez mais limitado é, talvez, uma das maiores dificuldades de profissionais recém-formados. É nesta hora que os quatro anos de formação são colocados à prova. Mas os ex-alunos do Curso de Cinema têm se saído bem: a maioria está empregada, estudando em pós-graduações ou se dedicando a projetos independentes.

"O que facilitou meu ingresso no mercado de trabalho foi o fato de eu já trabalhar com ferramentas de edição de vídeo, animação 2D e 3D", afirma Eveline Leite, formada em 2009, que trabalha no Instituto Sapientia, na produção de conteúdo em projetos ligados à arte, ciência e tecnologia da informação. Ela completa dizendo que sempre trabalhou, assim como nunca esperou que a faculdade lhe fornecesse toda a informação de que precisava.

Esse é um ponto que Eveline tem

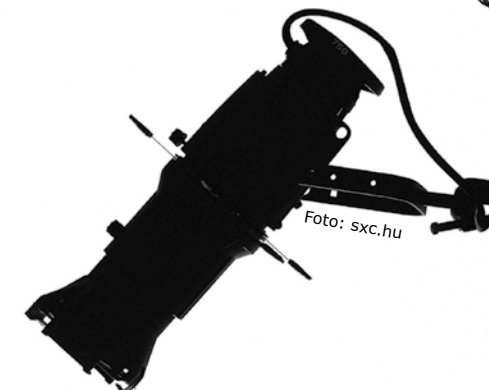
em comum com seus outros colegas: na graduação, já estagiava ou participava de projetos de extensão. Para Lourenço Sant'Anna, da turma de 2006, alguns estudantes vivem a ilusão de que o mercado os espera só depois do curso, e esquecem que podem adquirir conhecimento profissional durante a graduação. Ele conta que trabalhou em quatro edições do Florianópolis Audiovisual Mercosul (FAM) e que sempre buscou experiência além das salas de aula. Hoje, Lourenço trabalha em uma agência paulista que faz a divulgação de filmes brasileiros no exterior, a Cinema do Brasil, e é dono da produtora Boulevard Filmes.

Como Lourenço, alguns formados resolveram buscar empregos em São Paulo, ou por ser sua cidade natal, ou por causa da limitação do mercado em Florianópolis. Daniel Kroll, formado no início deste ano e *freelancer*, se encaixa no primeiro caso. "Se eu tivesse achado um bom emprego em Florianópolis eu ficaria, porém aí a busca acaba rápido, se não houver vaga nas três primeiras

produtoras, suas opções terminaram. E freelances em Floripa são raros", afirma.

Júlia Mastrocolla, da primeira turma, tem dificuldades para arranjar trabalho por aqui. Ela conta que no início conseguiu alguns *freelances* e um emprego na Cinemateca Catarinense, mas depois ficou um ano sem trabalhar por não conseguir nada na área. Quando entrou no curso, Júlia esperava "fazer filmes" e nunca havia pensado que gostaria mais da parte teórica. "Entrei com a ideia de fazer vários filmes por ano, o que, no fim das contas, é inviável, se você pretende fazer algo com qualidade", confessa.

Esta é uma questão curiosa, pois é comum acreditar que quem estuda Cinema deve virar um cineasta. Mas a realidade é diferente. Dos recém-formados, poucos estão trabalhando "fazendo filmes": o mercado está voltado para a área de produção de vídeos de publicidade, campanhas eleitorais e edição.



Intercâmbios

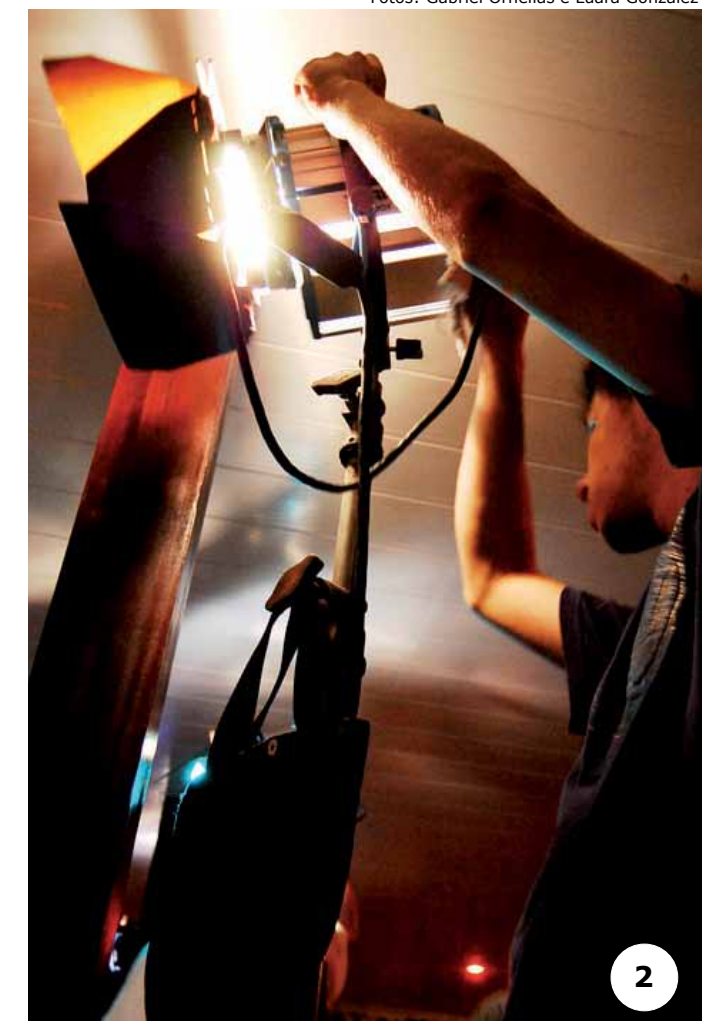
Ainda na graduação, os estudantes estão fazendo intercâmbios. Rhaissa Monteiro Pinto e Marcelo Baraldi foram aceitos estudar Fotografia na École Louis Lumière, em Paris, instituto de nível universitário que forma profissionais para várias áreas do Cinema. Raramente um estudante latinoamericano é admitido nesta instituição.

Falta infraestrutura

Sobre os pontos fracos do curso, a resposta também foi unânime: a infraestrutura. Faltam equipamentos, como câmeras e aparelhos de som, e espaço físico para estúdios e laboratórios. Também há carência de professores e técnicos especializados. Os formados da primeira turma (2005), por exemplo, não tiveram a disciplina de "Som". Todos eles, porém, afirmaram compreender que o curso é novo e que estes problemas não são definitivos.

O coordenador do Curso de Cinema, Mauro Pommer, reconhece os problemas estruturais, mas diz que nos últimos anos os recursos disponíveis para a graduação aumentaram. A falta de espaço físico, apontada pelos alunos e por Mauro como a principal dificuldade, será resolvida com a construção de um novo bloco do Centro de Comunicação e Expressão. A previsão é de que a obra seja concluída em dois anos. Sobre a falta de equipamentos, explica que desde o surgimento do Curso foram feitas melhorias. "O Curso se mantém dentro dos padrões tecnológicos".

O Curso de Cinema da UFSC foi criado em 2003 com o objetivo de oferecer aos estudantes uma formação em roteirização, teoria e crítica cinematográfica. No primeiro ano de vestibular, em 2004, o Curso teve alta procura, e a primeira turma ingressou em 2005. A cada ano, são oferecidas 30 vagas para a graduação.



Making off da produção de *Na Noite Passada* (fotos 1 e 2) e de *Olho Grego* (fotos 3 e 4): a maioria dos ex-alunos está empregada, estudando em pós-graduações ou se dedicando a projetos independentes

Para salvar o Pinheiro do Sul

Editora da UFSC lança estudo detalhado sobre o pinheiro brasileiro do biólogo João Rodrigues de Mattos

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Tudo o que se possa imaginar sobre a *Araucária angustifolia*, espécie comum nas regiões de planalto do sul do Brasil, é encontrado no livro *O pinheiro brasileiro*, de João Rodrigues de Mattos, que foi recentemente publicado pela Editora da UFSC e lançado em sua Feira de Livros na volta às aulas. Só o fato de reunir 560 figuras – fotos, desenhos, mapas, gráficos – e 127 tabelas dá a dimensão da profundidade da pesquisa do autor, engenheiro agrônomo aposentado que tem 12 obras editadas e mais de 100 trabalhos científicos publicados, especialmente sobre botânica.

Com 702 páginas, o livro de Rodrigues de Mattos começa fazendo um histórico da exploração da madeira do pinheiro nativo, fala das diferentes formações de pinheirais, analisa a sua propagação por meio de pinhões e os aspectos climáticos e geológicos relacionados à planta, que ainda é encontrada em boa quantidade nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, além de parte de São Paulo e, em menor grau, em Minas Gerais.

O livro também pode ser útil para quem planeja plantar o pinheiro, pois há um capítulo dedicado ao preparo do solo, adubação, espaçamento e outros cuidados requeridos pelo cultivo. A anatomia do pinheiro (lenho, galhos, raízes, folhas e frutos), a maturação, a armazenagem dos pinhões e os melhoramentos feitos por

meio da tecnologia igualmente fazem parte da obra. O autor chega a detalhar aspectos relativos a queimadas e suas consequências, e dedica uma página à análise da brotação de pinheiros queimados e dos sobreviventes.

O nível de detalhamento do tema é tão acentuado que Rodrigues de Mattos se detém sobre números e medidas das árvores, processos de secagem da madeira e o seu beneficiamento, ou seja, a laminação, colagem e transformação em compensado. Outros derivados de alguns tipos de pinheiro são a celulose, o papel e a resina. No final, o autor compila dados sobre o número ideal de plantas por hectare, despesas com a plantação, custos de produção da madeira e as principais utilidades do pinheiro, que vão da construção de moradias aos pratos feitos à base de pinhão, passando pela fabricação de lápis e fósforos, mobiliário, aberturas, brinquedos, andaimes, pontes e embarcações.

Unidade de conservação – Na introdução, o autor lamenta a redução da área



recoberta de pinheiros no Brasil. Para ele, isto aconteceu “por falta de conscientização geral, ou seja, o pinheiro cedeu espaço aos campos de pastagem ou para o plantio de soja”. Na contracapa, o professor Miguel Pedro Guerra, do Centro de Ciências Agrárias da UFSC, destaca que Mattos, “um dos mais prestigiosos botânicos do Brasil”, chegou a transformar sua propriedade rural, em São Joaquim, onde essas espécies ainda imperam, em uma unidade de conservação.

“Pelo menos lá temos a certeza de que as novas gerações poderão contemplá-las e saber de suas histórias intemporais”, afirma.

João Rodrigues de Mattos é formado em Horticultura pela Escola Técnica de Agronomia de Viamão (RS), onde lecionou por oito anos, e é engenheiro agrônomo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estudou botânica no herbário de Assunção, no Paraguai, e tornou-se doutor pela Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (SP). Coletou mais de 32 mil plantas, depositadas em museus botânicos nacionais e estrangeiros.

Os Pinheiros

Susana Scóss Bianchini

Que belos são os pinheiros
No inverno ou no verão,
Nos campos da serra altaneiros
Me enternecem o coração

Ao findar dos dias amenos,
Quando tudo está em calma,
Sussurram sons tão serenos
Que encham de paz a minh' alma.

O pinheiro mais se parece
A uma imensa taça erguida
Que ao Criador agradece
A dádiva santa da vida.

Pinheiro que ergues tua taça
Como num gesto de amor a Deus,
Ou parecendo pedir grande graça
Ao criador da terra e dos céus,

Faze uma súplica que seja,
Da vida a conservação
E que o homem com mão benfazeja.
Evite a tua extinção.

Página 52 da obra *O Pinheiro Brasileiro*



Fotos: sxc.hu

Ombudsman

Temperos

São tempos de notícias no elevador.

Não, não acredito que um jornal deva almejar a concisão das televisões de elevadores. De qualquer maneira, as notícias em duas linhas piscando nas telas são uma boa provocação para quem gosta de textos longos.

Há pautas bem escolhidas na edição de agosto do *Jornal Universitário*: semana tibetana, licenciatura indígena, ouvidoria, comidas orgânicas no RU. A dos índios tem boas fotos e abre o devido espaço para elas; a da semana tibetana, uma pena, não segue o mesmo caminho – a ótima imagem que acompanha o texto deixa esperando por outras.

As telas de elevador são uma boa provocação porque estimulam os jornais a mais do que informarem: os estimulam a temperarem seus textos – e esse tempero não está na quantidade de palavras. Como nesta abertura: “Nas primeiras horas do dia 13 de agosto, os últimos festeiros descobriram que os trens não funcionavam; moradores de Bernauer Strasse foram acordados pelo barulho de caminhões militares; em vários lugares ouviam-se operários com britadeiras abrindo buracos nas ruas. Logo ficou claro que uma cerca de arame farpado estava sendo erguida nas ruas de Berlim.”

Em seguida, não é preciso muito mais para se contar o início da construção do Muro de Berlim. E a abertura, como o resto, é de uma objetividade muito bem temperada: nas suas quatro frases há muita informação e a percepção de diferentes pontos de vista. O texto é do livro *1001 dias que abalaram o mundo*, que recomendo.



As matérias do *Jornal Universitário* estão bem apuradas, os autores dos textos dominam os assuntos. A partir disso, poderiam seguir informando bem, mas em textos menores, mais específicos, elípticos e, ao mesmo tempo, mais soltos. Nas páginas sobre a licenciatura indígena, acredito, há bons exemplos nesse sentido.

Thiago Momm

Formado em Jornalismo pela UFSC em 2005, foi repórter da Folha de S. Paulo e é editor-chefe da Revista Naípe, dirigida ao público universitário

Vestibular 2012: quase 6 mil vagas em 84 cursos

Arley Reis
Jornalista na Agecom

Como o tema ‘Inovação e qualidade ao alcance de todos’, a UFSC oferece 5.961 vagas em seu Vestibular 2012. Os candidatos poderão optar entre 84 cursos e habilitações, nos quatro campi da instituição, localizados nas cidades de Florianópolis, Aranguá, Curitiba e Joinville. São dois novos cursos: Veterinária (oferecida no campus de Curitiba) e Meteorologia (em Florianópolis).

O período de inscrições inicia em 20 de setembro e prossegue até 19 de outubro, no site www.vestibular2012.ufsc.br. O concurso será realizado nos dias 10, 11 e 12 de dezembro, em 22 cidades, seis a mais em



relação ao concurso anterior. Outra novidade é que o peso do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) passa de 20% para 30%.



Foto: Raquel Wandelli

Nem a greve dos servidores, nem a ocupação da Reitoria pelos estudantes prejudicaram o II Festival de Música da UFSC, realizado no final de agosto na Praça da Cidadania. O evento, coordenado pela Secretaria de Cultura e Arte (SeCARTE), foi um sucesso absoluto e terminou com um show histórico do grupo Engenho, que nasceu nos palcos da Universidade, mais de três décadas atrás. O resultado do festival será o lançamento de CD/DVD com as 20 músicas selecionadas entre as 136 inscritas. Desta forma, além das oito mil pessoas que acompanharam o evento, todo o público poderá conhecer o estágio atual da música feita em Santa Catarina.

UFSC marca Fronteiras do Pensamento

Com o apoio da UFSC, via Agência de Comunicação (Agecom), a RBS realiza dias 27, 28 e 29 de setembro, diariamente a partir das 20 horas, no Centro de Eventos da FIESC, o seminário internacional Fronteiras do Pensamento.

Pela primeira vez em Santa Catarina, esta edição vai contar com a participação da jornalista e escritora norueguesa Asne Seierstad, a oceanógrafa americana e colaboradora da National Geographic Sylvania Earle, além do ex-ministro da Educação da França e filósofo Luc Ferry. Organizado desde 2006, o ciclo de altos estudos é uma referência nacional e já passou por Porto Alegre, Salvador e São Paulo. Os ingressos podem ser adquiridos pelo site www.blueticket.com.br, e na UFSC, na Livraria Livros e Livros, no Centro de Cultura e Eventos, que em 2012 sedia o evento.

Asne Seierstad é autora de “O Livro de Cabul”, obra traduzida em mais de 30 línguas, e “101 dias em Bagdá”, em que expôs relatos do período da guerra do Iraque, além do livro “De costas para o mundo”, em que retrata os conflitos entre Sérvia e Kosovo. Como jornalista, Seierstad recebeu prêmios como o britânico Ethnic Multicultural Media Award e o francês Prix de Libraires, em 2004, e o italiano Maria Grazia Cutuli, no ano seguinte.

“O Livreiro de Cabul vendeu três milhões de cópias e encabeçou as listas dos mais vendidos do jornal The New York Times por várias semanas, além de ter sido considerado pela crítica um dos melhores livros de reportagem sobre a vida afegã depois da queda do Talibã.

Sylvia Earle é mestre e doutora pela Duke University (Carolina do Norte – USA). Ao longo de seus mais de 50 anos de carreira, Earle fundou a Mission Blue Foundation e se tornou diretora executiva de quase uma dezena de fundações e ONGs voltadas à proteção das águas. Autora de mais de 150 publicações científicas, direciona seus estudos ao desenvolvimento de novas tecnologias para o acesso e proteção de ambientes marítimos remotos.

Já o ex-ministro da Educação da França é reconhecido mundialmente como defensor do Humanismo Secular. Luc Ferry já foi professor de Filosofia nas Universidades de Lyon II, Caen e Paris VII, além de fundador do Collège de Philosophie. Enquanto ministro de Jacques Chirac – de 2002 a 2004 –, focou na melhoria da escrita e leitura das crianças e adolescentes franceses, enfrentou greves de professores e se tornou polêmico por proibir o uso de símbolos religiosos nas escolas públicas francesas.



Fotos: divulgação Fronteiras do Pensamento

Luc Ferry, Asne Seierstad e Sylvania Earle (dir p/esq) serão os conferencistas do evento

Serviço:

Fronteiras do Pensamento em SC – Com Luc Ferry, Asne Seierstad e Sylvania Earle **Quando:** 27, 28 e 29 de setembro (terça, quarta e quinta-feira), a partir das 20h **Local:** Centro de Eventos da Fiesc – Admar Gonzaga, 2765, Itacorubi **Realização:** ADVB SC – **Correalização:** RBS Eventos – **Patrocínio:** OI – **Apoio:** Brasken e UFSC – **Promoção:** Diário Catarinense **Passaporte Fronteiras do Pensamento:** R\$ 250,00; meia-entrada: R\$ 125,00 **Desconto de 50%** para estudantes, professores e portadores de deficiência física.



Foto: Wagner Berh

Sete anos, agenda lotada e melhorias permanentes

Inaugurado em 2004, o Centro de Cultura e Eventos da UFSC consolidou-se como um dos principais espaços públicos do Estado

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Inaugurado há sete anos, em maio de 2004, o Centro de Cultura e Eventos da Universidade Federal de Santa Catarina vem se consolidando como um dos principais locais para realização de eventos no Estado. Mesmo com a cessão do terceiro pavimento, em 2010, para uso temporário em cursos e capacitações da Pró-Reitoria de Desenvolvimento Humano e Social (PR-DHS), o espaço sediou 170 eventos durante o ano passado, incluindo os de caráter artístico e cultural, os técnico-científicos

e as solenidades de colação de grau de cursos de graduação da UFSC e Udesc e do Colégio de Aplicação.

De acordo com levantamento realizado pelo Departamento de Cultura e Eventos, dirigido por Luiz Roberto Barbosa, o número de espetáculos, encontros, congressos e formaturas vem crescendo ano a ano, o que torna sem sentido o apelido de "elefante branco" com que o prédio já foi conhecido no campus. Diante do fracasso de muitas arenas multiuso construídas em Santa Catarina nos últimos anos – algumas são subutilizadas, outras ficaram pela metade – e da demora na conclusão das obras

de reforma do Centro Integrado de Cultura (CIC), em Florianópolis, o Centro de Eventos da UFSC se tornou uma das principais opções para os produtores de shows, congressos e solenidades no Estado.

"Contamos com um dos maiores auditórios em formato de anfiteatro de Santa Catarina, e o maior de Florianópolis", ressalta Cléia Silveira Ramos, responsável pelos projetos especiais e eventos institucionais do departamento. Ela informa que a procura pelo uso deste e de outros espaços – como as quatro salas multifuncionais onde podem ocorrer seminários, simpósios e workshops – é maior do que a possibilidade de atender

a todos os pedidos. "A agenda de 2011 está completa, e já começamos a programar eventos para o próximo ano", diz ela.

A prioridade, sempre, é do público universitário, mas a comunidade externa também procura o prédio da UFSC para congressos e cerimônias oficiais importantes, informa o diretor do departamento, Luiz Roberto Barbosa. E as melhorias continuam ocorrendo, como a colocação de cortina no palco e investimentos na iluminação. Outras ações estão em processo, como a melhoria da infraestrutura do palco e a criação de condições para receber espetáculos teatrais, por exemplo.

Formaturas e inclusão

Desde que foi entregue, o auditório Garapuvu passou a ser utilizado pelos cursos da Universidade para as cerimônias de formatura de seus alunos, o que barateia os custos desses eventos e uniformiza as solenidades, democratizando o ritual de outorga de grau – um momento especial na vida dos alunos. "Essas solenidades são realizadas sem desembolsos por parte dos alunos, que têm direito a becas, capelos, sistemas de som e iluminação e decoração interna do auditório", afirma Cléia Ramos.

As formaturas são organizadas pelo Departamento de Cultura e Eventos, em parceria com as coordenadorias de cada curso, e as cerimônias ficam sob a responsabilidade de servidores técnico-administrativos em educação, ao passo que os mestres de cerimônia são alunos do curso de Jornalismo da UFSC. "Conseguimos resgatar o caráter institucional e acadêmico das formaturas", destaca Cléia, chamando a atenção para a possibilidade de colação de grau de todos os formandos, o que antes nem sempre acontecia por causa do baixo poder aquisitivo de muitos deles. Em 2010, 2.717 estudantes receberam seus diplomas no local, e o público total das solenidades chegou a 52.025 pessoas.

O auditório Garapuvu tem capacidade para 1.371 pessoas sentadas. Ao todo, o Centro de Cultura e Eventos tem 8.000 metros quadrados de área edificada, oferecendo também salas para reuniões e pequenos eventos, praça de alimentação, livraria, banco, mini-lojas, agência de viagens e hall para a confecção de artesanato e exposições.

Grandes espetáculos

Dentro da proposta de tornar o Centro de Cultura e Eventos um espaço de ebulição cultural, a Secretaria de Cultura e Arte da UFSC (SecArte) está investindo em melhorias como a ampliação da estrutura do palco do auditório, que em breve terá capacidade para receber qualquer tipo de espetáculo cênico e musical. Já foram colocados o urdimento, as cortinas e as varas fixas e móveis para facilitar as mudanças de cenário e iluminação. Até outubro deste ano a previsão é contar com toda a infraestrutura de uma moderna casa de espetáculos, ajudando a suprir a carência de locais desse gênero em Florianópolis.

As melhorias têm relação com a disposição da secretária de Cultura e Arte, Maria de Lourdes Borges, de transformar

a UFSC um centro produtor e irradiador de cultura. Eventos como o Florianópolis Audiovisual Mercosul (FAM) e o Festival Internacional de Teatro de Animação (Fita) já estão no calendário da instituição, e a Semana Ousada de Arte, que está indo para a quarta edição, é sempre aguardada com expectativa pelos artistas e produtores culturais da Capital.

"O Centro de Cultura e Eventos vai continuar sendo um espaço institucional importante, abrigando congressos e formaturas, mas também será um dos maiores pontos culturais de Santa Catarina", afirma Maria de Lourdes. "Ele será dinamizado, atendendo a UFSC e a comunidade externa, e com a conclusão das obras no palco terá um peso cultural cada vez maior".



Foto: Cláudia Reis

Sociedade Soul no palco do Garapuvu; proposta é transformar a UFSC em centro produtor e irradiador de cultura

Show comemorativo

Para comemorar os sete anos do Centro de Cultura e Eventos, a UFSC realizou no auditório Garapuvu, no dia 25 de maio, o show "Mundo Toldo", do multiartista Valdir Agostinho. Foi uma performance que mesclou elementos da cultura popular da Ilha de Santa Catarina com a cultura urbana globalizada, utilizando manifestações tradicionais como o terno de reis, o boi-de-mamão e o improviso das cantorias populares junto com o trabalho de músicos de bandas catarinenses da atualidade, em ritmos como rock, blues, funk, samba, salsa, guajira, reggae, ska e música eletrônica.

Legítimo representante da cultura local, Agostinho fez sua "viagem criativa", como ele mesmo define, junto com músicos das bandas Dazaranha, Iriê, Manéexpress e Stonkas & Congas.